

*SEM IMPEDIMENTO: O CORAÇÃO
ABERTO DAS MULHERES QUE CALÇAM
CHUTEIRAS NO BRASIL¹.*

Por - Jorge Dorfman Knijnik

Esdras Guerreiro Vasconcellos

TEXTO PUBLICADO COMO CAPÍTULO DO LIVRO ORGANIZADO POR
JOÃO RICARDO COZAC CHAMADO: **COM A CABEÇA NA PONTA DA
CHUTEIRA**—ensaios sobre a psicologia do esporte. São
Paulo, Annablume/Ceppe, 2003, p.

¹ Agradecimentos especiais a duas pessoas: primeiro, a Juliana Sturmer Souza, que realizou a transcrição das entrevistas. Qualquer erro nestas, claro, é responsabilidade dos autores, que deveriam ter feito uma revisão minuciosa nas mesmas; em segundo lugar, mas não menos importante, à profa. Dra. Ludmila Mourão (UGF/RJ), que de forma absolutamente desprendida, honesta, inteligente e gentil, revisou os originais, fornecendo inúmeras idéias e sugestões que se incorporaram ao texto final – este trabalho também é merecidamente de ambas.

SEM IMPEDIMENTO: O CORAÇÃO ABERTO DAS MULHERES QUE CALÇAM CHUTEIRAS NO BRASIL.

Jorge Dorfman Knijnik /Esdras Guerreiro Vasconcellos

1. BOLA DE MEIA

*“Do lixo deixado,
dos restos que o mundo,
não tem como esconder,
nos cantos escuros, nas fendas dos muros
veja se você vê!
Surgem novas criaturas,
Novos pontos de interrogação
Nossa casa não é mais tão segura
E as crianças pedem alguma explicação“
(Herbert Vianna)*

A participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram interdidas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino, sendo apontado como o único local no qual a supremacia masculina seria incontestável (HULT, 1994).

Na atualidade, entretanto, as mulheres competem em quase todos os níveis e modalidades esportivos – o que não quer dizer que a sua participação ativa neste contexto não continue sendo motivo de questionamentos, nem que ela seja plena e pacificamente aceita no ambiente dos esportes.

O esporte, muitas vezes, traduz e representa anseios profundos no humano. Vontade de vitória, a “garra” necessária no campo esportivo, a briga

pelo espaço, a destruição simbólica do adversário, tudo isso freqüentemente requer uma ação mais brusca do atleta, qualquer que seja seu gênero. E uma atitude mais ríspida, então, mesmo que necessária naquela situação, pode ser “mal – entendida”, deturpada, e descambar facilmente num preconceito. No naipe feminino, é comum que, em face de determinadas jogadas mais brutas, as piadas estigmatizantes e as insinuações dúbias rapidamente apareçam - como se a agressividade fosse uma exclusividade masculina, dada, como diz MOORE (1997), unicamente pela biologia, por hormônios que, “adequadamente” estimulados nos rapazes e homens, constituiriam o fundamento biológico do domínio masculino em setores nos quais a agressividade fosse imprescindível e até organizada (como a guerra, a política, a criminalidade em geral).

MOORE (1997), afirma que “a pesquisa contemporânea em biologia rejeita explicitamente esse ponto de vista, argumentando, ao contrário, que a biologia é um componente dinâmico de nossa existência, e não um determinante de mão única”.(p.1).

Mesmo assim, e por mais que o contexto esportivo exija da atleta determinados comportamentos não “condizentes” com o que se espera dela enquanto representante do gênero feminino, a dicotomia entre o vivido e a expectativa social (e provavelmente internalizada durante a socialização) permanece. Para PAIVA (1989),

“(...) as mulheres devem cumprir hoje todas as tarefas antes desempenhadas apenas pelos homens, mas deseja-se que mantenham todas as suas velhas atribuições e aquela mesma feminilidade a elas atribuída historicamente. Neste sentido, a pregação social é ambígua e ambivalente, joga todos no campo indefinido, que naturalmente é percebido como perigoso”. (p.21).

Para as mulheres que atuam em determinadas modalidades nas quais o domínio masculino é incontestado, a situação do preconceito e das barreiras discriminatórias se torna mais aguda. No caso do futebol brasileiro, estes

surtem de forma inequívoca. Para KNIJNIK & VASCONCELLOS (2003), apesar do futebol ser um ícone da nossa cultura, e ser identificado como parte integrante do *ser nacional*, o “país do futebol” exclui, deixando à margem e na sombra, as mulheres que o praticam.

Pentacampeões mundiais de futebol (precisa dizer “masculino?”), as futebolistas brasileiras também têm colhido ótimos resultados em nível internacional (estão sempre entre os quatro melhores times do mundo em olimpíadas e mundiais da modalidade), mas permanecem invisíveis para o grande público.

Ou, quando se pretende dar visibilidade às futebolistas, não é bem pelo seu talento esportivo, conforme relata KNIJNIK (2001): em setembro de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF, a maior federação esportiva estadual de futebol do país) resolveu reeditar o campeonato paulista feminino de futebol, denominado de *Paulistana*. Para tal, promoveu uma grande divulgação na mídia, com matérias nos principais jornais do estado, e televisionamento ao vivo de diversos jogos, em canal aberto.

Porém, as atletas que participavam deste campeonato precisavam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o “futebol à feminilidade”. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados² foram barradas – a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré – condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral.

BARBIERI (1991) coloca que, ao procurar controlar o corpo da mulher também se visa o controle e a direção do seu próprio trabalho, o que seria uma das necessidades daqueles que querem evitar que estas tenham possibilidade de controlar a sociedade ou exigir reconhecimento de suas funções. E questiona os motivos que, apesar de tanto o corpo do homem quanto o da mulher poderem proporcionar prazer a ambos, levam somente o corpo feminino a se constituir como objeto erótico por excelência em nossas sociedades.

² Os cabelos foram uma nítida provocação às melhores atletas brasileiras, de seleção, tais como Sissi, que atualmente atuam nos Estados Unidos ou Alemanha, e que possuem cabelos curtos ou raspados.

A promoção da *Paulistana* nestes moldes gerou uma série de polêmicas: deputados entraram com representações contrárias à discriminação das “feias”, atletas foram aos jornais reclamar, houve alguns protestos isolados, mas o campeonato aconteceu, as atletas atuaram por times mais conhecidos e de torcida (o “trio de ferro”, os grandes da capital paulista, mais o Santos) e mesmo por clubes de menor expressão (Juventus, São Bento de Sorocaba, entre outros).

Atraídos pela forma de organização do campeonato, e ao mesmo tempo conhecedores da vontade de centenas de atletas de realizarem um sonho e disputarem por um clube federado um campeonato de futebol oficial³, entrevistamos três atletas que disputaram, cada qual por um clube, a *Paulistana* de 2001. Estas atletas possuem entre 18 e 23 anos de idade, e o **objetivo** destas entrevistas foi o de analisar como estas atletas se sentiram ao disputar um campeonato no qual, aparentemente, a questão da beleza das atletas tinha um papel preponderante, acima da sua técnica; **também objetivamos** conhecer a história esportiva destas atletas, e suas opiniões relativas à própria participação feminina no esporte de alto nível.

Estes objetivos se coadunam com o desafio teórico lançado por SCOTT (1995), ao propor que sejam estudadas as relações entre os gêneros masculino e feminino, a sua história pregressa e suas implicações nas práticas sociais atuais. Ou, como pergunta a autora: “Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do **gênero como categoria de análise**”. (p.2, grifo nosso). Desta forma, propomos aqui o lançamento desta categoria de análise no interior de nossa paixão nacional, o futebol.

³ Foram 1600 atletas disputando 300 vagas em clubes para poder disputar a *Paulistana*.

2.MAMÃE NÃO CHORE

*“Teco, teco, teco, teco, teco,
Na bola de gude era o meu viver
Quando criança, no meio
da garotada.
Com a sacola do lado
Só jogava pra valer
Não fazia roupa de boneca
Nem tampouco comidinha
Com as garotas do meu bairro,
O que era natural
Subia em poste e soltava papagaio
Até os meus 14 anos
Era este o meu mal “
 (“TECO – TECO”, chorinho
de Pereira da Costa & Milton Villela)*

As três atletas - que aqui serão identificadas por uma sílaba que não guarda qualquer relação com o seu nome⁴ (Zá, Zi e Zu, respectivamente) -, têm pontos em comum quando se referem ao início da sua trajetória futebolística (como a idade com que começaram a jogar futebol, entre 9/10 anos), os quais podem ser analisados á luz de uma teoria que considera o gênero como categoria fundamental na socialização de meninos e meninas, assim como na divisão social das práticas profissionais e corporais da sociedade, bem como das representações que permeiam esta mesma sociedade a este respeito.

Zá e Zi comentam da importância dos meninos em seu aprendizado das habilidades do jogo. Zá explica que *“Comecei a jogar futebol na rua da minha casa. Tinham muitos meninos e poucas meninas, então eu ficava ali, meio que encostada, daí faltava um jogador e eles me colocavam no gol. Depois eu comecei a ir pra linha e comecei a jogar com eles”*.⁵

⁴ Esta identificação “silábica” se dá também com a finalidade de proteger a identidade das mesmas, pois as atletas que participaram da *Paulistana* foram proibidas, por força de regulamento, de “falar mal” publicamente da competição, podendo sofrer retaliações violentas, como expulsão do campeonato, além da perda de pontos de seu próprio time.

⁵ As falas das atletas foram aqui transcritas na íntegra, não tendo sofrido quaisquer alterações ou correções.

Já Zi explica da importância de seus irmãos para sua socialização no futebol: *“Eu comecei a jogar acho que por ter dois irmãos, só sou eu de menina em casa, dois homens, sempre jogando bola no quintal, eu jogava com eles. Eles iam sempre em uma escolinha e eu ia junto, meu pai ia jogar na quadra eu ia junto, parecia um filhinho também”*.

“Parecia um filhinho também...”. “Tinham muitos meninos e poucas meninas no jogo”. Nestas falas, as atletas acabam por identificar a divisão existente por gênero na socialização das crianças em seus contextos sócio – culturais. Socialização que ensinará, sem dúvida, não apenas práticas diferentes de trabalho ou lazer na vida adulta, específicas para cada gênero, mas também, e este é o ponto – chave da nossa análise, **representações** simbólicas diferenciadas no imaginário social. E estas nem sempre aparecem claramente, ou tem a sua origem facilmente identificada, caso não sejam absolutamente contextualizadas. Como quer MOORE (1997),

*“As representações culturais de gênero raramente espelham com apuro as atividades das mulheres e dos homens, suas contribuições à sociedade ou suas inter-relações. (...) A dificuldade em investigar desigualdades de gênero é que é preciso analisar não apenas os contextos políticos e econômicos em que as relações de gênero são operativas, mas também **os sentidos culturais e simbólicos concordantes a respeito das diferenças de gênero**. (p.9, grifo nosso).*

O futebol na infância já aparece como elemento masculino, a menina precisa estar entre meninos, ou parecer um “filhinho” para praticá-lo, e mesmo assim terá dificuldades. Zu, que era uma multiesportista, comenta que *“Minha mãe nunca gostou que eu jogasse futebol. Ela sempre me acompanhou na minha vida esportiva, eu comecei com sete anos, ela sempre junto, chegou a fazer karatê comigo, natação também... Fui para o vôlei, fiquei neste esporte,, e de repente, aos dez, quando eu fui para o futebol ela parou”*.

DIO BLEICHMAR (1988) reforça este ponto afirmando que já na segunda infância ocorre uma grande regulamentação social das atividades infantis, sendo que o desempenho nestas definem, por mais das vezes, o próprio “(...) papel de gênero da criança: balé-futebol, para tomar um paradigma”. (p. 107). Paradigma este que, além de absolutamente apropriado no caso de nosso estudo, é sempre reforçado pelos socializadores infantis, sejam pais, professores, familiares, entre outros, os quais, segundo a autora, delimitam os campos de atuação, são modelos de identificação, orientam e escolhem atividades para as crianças.

Escolhem, direcionam, mas apóiam ou proíbem certas práticas, como relatam as nossas futebolistas:

“E ela (mãe – NR) ficava com aquela coisa, me proibiu de treinar, eu só jogava, então foi um martírio para mim. Depois ela passou a ignorar” (Zu);

“Eu ia lá com eles jogar e um dia falei pra minha mãe que eu queria jogar. E eu nadava, fazia natação antes. Minha mãe falou que não” (Zi);

“Minha mãe nunca falou nada, ela sempre me incentivou, ela falava que se eu quisesse que ela me ajudasse eu teria que me dedicar. Nunca teve nenhum tipo de preconceito de eu jogar futebol”. (Zá).

Mas, como nada é perfeito, a mesma Zá relata que tinha que agüentar muita coisa no seu bairro, pois *“Muita gente tinha [preconceito – NR] outras pessoas tinham, vizinhos tinham”*.

3. SAPAT (ri)AS DE CHUTEIRAS

*“Linda como um neném,
Que sexo tem? Que sexo tem?
Namora sempre com gay
Que nexo faz...
Tão sexy gay...”
(Caetano Veloso)*

Duas questões aparecem constantemente, e de forma recorrente e marcante, no discurso das futebolistas.

A primeira delas é **o gosto e a paixão pelo futebol**, e os desdobramentos que este amor pela atividade possui na vida delas. Elas irão lutar até o fim para se manter jogando futebol, moverão mundos, mas não deixarão de lado essa atividade futebolística. Esta questão emerge quando as atletas são questionadas sobre como se sentem sendo mulheres praticantes de futebol.

“Eu me sinto bem, eu faço uma coisa que eu gosto... Já briguei com família, com amigo, com namorado, com todo mundo, e eu vou fazer o que eu quero, o que eu gosto, doa a quem doer”. (Zu).

“Eu sempre gostei de futebol, antes eu já tinha um clube que eu torcia, antes dos 12 anos. (...) Eu sou apaixonada. Eu assisto televisão, eu fico arrepiada de ver os lances de futebol, quando eu vejo um gol bonito eu fico emocionada mesmo, gosto mesmo”.(Zá).

“No ano retrasado, que eu estava no 2º colegial ainda, eu falei que eu ia jogar e o que tivesse que fazer para jogar eu ia fazer, porque sempre gostei muito de jogar.(...) Eu adoro jogar futebol, eu me sinto bem porque eu estou cuidando do meu corpo, eu estou jogando, não estou comendo, sentada no sofá de casa, assistindo televisão”.(Zi).

Estes depoimentos nos remetem, num primeiro plano, à possibilidade que o esporte tem de prover a construção de uma **identidade** própria e, no caso do futebol feminino, de uma forma muito peculiar. CASTELLS (1999) coloca que no mundo em rede da sociedade atual, a busca por uma identidade comunal torna-se essencial inclusive na estruturação da auto-identidade. As futebolistas identificam-se plenamente com sua atividade, e com certeza montam grupos das “meninas do futebol”, com características de verdadeiras comunidades das quais participam apenas aquelas que possuem o linguajar, os interesses, gostos e os códigos comuns a esta.

SCOTT (1995) argumenta que o surgimento do sentido para o indivíduo se relaciona tanto com o plano do sujeito quanto com o da organização social, e que é vital para a realização humana fazer um esforço de construção “(...) de identidade, uma vida, um conjunto de relações(...)” (p10).

Num segundo momento, contudo, podemos chegar a perguntar quais são as razões que levam estas moças a optarem por uma atividade como o futebol, que socialmente, em nosso país, é plenamente identificada com o gênero oposto, com o masculino.

O referencial psicanalítico traz algumas luzes interessantes sobre este ponto.

DIO BLEICHMAR (1988) descreve minuciosamente quanto o desejo feminino por aquilo que é valorizado no masculino se inscreve na mente da mulher em desenvolvimento – segundo a autora, é o desejo do falo enquanto ícone do que é socialmente reconhecido. Simbolicamente, a menina deseja ter acesso àquilo que é valorizado na sociedade, e esta valorização ela enxerga apenas no universo masculino. Assim, ao descobrir o papel secundário que o feminino ocupa em nossa sociedade, a menina se lançaria freneticamente na busca “desenfreada, na conquista das posições, habilidades, emblemas fálicos que os homens possuem (...)” (p.91). Ou seja, ao desejar muito o futebol, jogo enraizado como masculino na cultura brasileira, a menina estaria, na verdade, procurando dominar aquilo que é masculino, pois **isto sim** tem valor social, e não as suas qualidades femininas. E o que é masculino possui esta importância em virtude de seus símbolos, como coloca BOURDIEU (1999), estarem de tal forma construídos, se entranharem e agirem a tal ponto nas estruturas do inconsciente, que aparecem como condições “naturais” de supremacia e superioridade, e não como formações históricas e sociais, forjadas no interior de sociedades dominadas, pensadas e orquestradas pelos homens.

A segunda questão que surge no discurso das futebolistas é referente à sexualidade no futebol feminino; pelo modo recorrente com que apareceu nas falas das jogadoras, este ponto merece alguns desdobramentos.

O primeiro deles é quanto à homossexualidade no esporte e no futebol. Na verdade, aqui há falas que se referem diretamente à homossexualidade, mas a maior parte das falas toca no ponto da identificação direta da atividade, do futebol feminino, e das futebolistas, com a prática homossexual. Ou seja, elas identificam no imaginário social uma colagem entre a sua prática esportiva (a qual é mais aceita e realizada por homens no Brasil) e as suas preferências

sexuais, isto é, uma superposição entre a atividade de gênero e a atividade sexual.

RUBIN (1989) já refletia sobre este ponto, propondo uma teoria radical da sexualidade, que descolasse esta das questões de gênero. Sua colocação, – e aqui esta se torna muito pertinente, pois abarca exatamente a questão das homossexuais femininas – é a que o movimento feminista durante longo tempo também praticou esta superposição entre gênero e sexualidade, ao pontificar a opressão sobre as lésbicas como uma questão exclusivamente de gênero (mulher, logo oprimida), quando de fato,

“(...) as lésbicas são também oprimidas em sua qualidade de homossexuais e pervertidas, devido à estratificação sexual, não de gêneros. Mesmo que isto doa a muitas, o fato é que as lésbicas compartilharam muitas das análises sociológicas e muitos dos castigos sociais com homens gays, com sadomasoquistas, travestis e prostitutas”.(p. 185).

Aqui podemos trazer à tona o depoimento de uma outra atleta de outra modalidade, uma judoca, para quem as atletas de sua modalidade, devido ao intenso contato físico inerente ao judô, acabavam por transformarem a sua sexualidade, afirmando a homossexualidade ou a negando de forma extremada. Segundo esta atleta, “as meninas judocas, ou são sapatatas ou são cococós (galinhas), putinhas, vivem dando pros caras”.

Mas vejamos de que forma nossas futebolistas falam sobre esta “colagem” que se faz entre um papel social (o futebol, no caso delas) e a vida sexual da pessoa. Estas falas aparecem após três perguntas catalisadoras: como os pais (pai e mãe em separado) viam o fato dela praticar futebol; quais diferenças existem entre o futebol masculino e feminino, e como é ser mulher no contexto atual do futebol no Brasil:

“Eu estava com nove anos. Minha mãe falou que não, que se eu jogasse futebol ia parecer menino, que eu ia querer cortar o cabelo curto. Não queria deixar de jeito nenhum (...) Futebol feminino sempre teve essa fama de ser

ruim, de ter muita sapatão no meio, aí minha mãe não queria deixar de jeito nenhum. Eu briguei, briguei com a minha mãe (...). Tem um pouco de preconceito também, falam que futebol é coisa de homem, perguntam o que você está fazendo no campo, na quadra. Tem esse preconceito também. Acho que salário está meio dentro desse preconceito de falar que mulher não tem capacidade de jogar futebol. Se você joga você é sapatão também é uma coisa que as pessoas vêem, que , sinceramente, é muito nada a ver “. (Zi).

“Quando eu comecei a jogar sério, minha mãe já ficou com o pé atrás. Foi essa vigilância durante um bom tempo, depois ela sossegou, desencanou. Até hoje eu chamo para ela ir a jogos, ela não vai, ela diz que é um público totalmente diferente, que ela não vai se misturar. Eu fico super chateada, porque a gente não pode generalizar, tem muita gente que é que não parece, e tem gente que parece, mas não é, e acho que isso não faz as pessoas nem mais nem menos, como pessoas, e minha mãe leva muito pela aparência. (...) Olha, é muito difícil porque tem esse estereótipo, e basta você chegar numa, até mesmo numa sala de aula, curso de Educação Física, tem gente que olha torto pra você, já fala que é homossexual. Então você leva um peso nas costas, mesmo não tendo nada a ver com a história. Conheço muitas pessoas assim, já levei muita cantada, mas eu acho que você sabendo respeitar, dá pra conviver muito bem no meio esportivo.(Zu).

“Eu fui recentemente ver uma vizinha e ela ficou sabendo que eu estava jogando futebol. Falou que eu era Maria João, quando eu cheguei ela falou isso. Eu falei que estava fazendo faculdade de Educação Física e ela falou que eu era Maria João mesmo. É , uma senhora de uns 45 anos. Mas não só ela, a filha dela, que era minha amiguinha de infância, falou. Todo mundo pensa do mesmo jeito. eu vi que tem aquele preconceito que Educação Física é coisa pra homem, que é coisa de homem, que futebol feminino é pra homem. eles acham que eu sou Maria João por isso. “ (Zá).

Estes depoimentos deixam nítido o quanto é útil, na reflexão sobre estes dados de pesquisa, utilizarmos o referencial proposto por SCOTT (1995), considerando o gênero enquanto categoria de análise. Para a autora,

“O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’, a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios dos homens e das mulheres. (...) Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens”.(p.3).

Outro desdobramento importante para a questão da sexualidade no futebol feminino está mais voltado para a problemática da imagem corporal da atleta, e como isto foi considerado pela organização do campeonato paulista feminino de futebol; estas falas vinham à tona quando as atletas eram levadas a refletir sobre a *Paulistana*.

Aliás, numa competição que teve como elemento inicial e de suma importância a imagem das atletas, este ponto inevitavelmente teria de ser abordado. A FPF considerou como pressuposto para a participação no campeonato feminino de futebol, dogmas construtores dos papéis sociais do feminino de ao menos um século atrás no Brasil, em plena pós-modernidade! Ou seja, apesar dos novos paradigmas que surgem nas relações dos humanos, a FPF continua tentando efetivar realizações dissonantes com o seu tempo, ao abordar como central a questão da imagem da atleta, acima até da sua técnica...

PAIVA (1989) expõe que a imagem corporal, desde os primórdios de sua construção, é tipificada pelos sentidos que a cultura coloca sobre esta, e é “(...) necessariamente sexualizada” (p.52). A FPF jogou então um peso sobre as jogadoras: entrar ou não neste “jogo”?

As atletas se mostraram conscientes do quanto a imagem corporal delas próprias e das demais, foi levada em consideração na escolha daquelas que comporiam as equipes, e o quanto teve importância a beleza corporal nisto tudo; ao mesmo tempo, porém, faziam ressalvas que a parte técnica também foi considerada – afinal, elas jogaram! Como poderiam afirmar, para outra pessoa ou para si mesmo, que estavam lá por serem aceitáveis (sic) esteticamente? Depois de toda a luta de uma vida para jogar futebol, se

reduzir, conscientemente, a uma jogadora 'bonitinha, mas ordinária'? *Jamais de la vie!*

Zá se coloca com dubiedade neste ponto:

“Teve também aquele negócio de beleza. Foi uma polêmica gigantesca. Nessa seletiva eles falaram que não iam selecionar meninas com o cabelo curto e que fossem meio masculinizadas. Eles queriam que esse campeonato feminino fosse um campeonato que tivesse feminilidade, que não fosse mulheres diferentes, eles queriam uma coisa mais bonita, eles queriam um campeonato melhor para se assistir. Porque muitas mulheres que jogam futebol de salão, que jogam futebol, não são femininas, muitas são, muitas não são. Então eles queriam tirar isso. Isso na mídia saiu falando muito, muitos falaram mal porque o que importa é o futebol e não a beleza, porque no esporte o que importa é a prática e não a imagem, a beleza da menina. A justiça entrou contra isso, porque não pode ser, tinha que ser pelo futebol, isso é discriminação. Aí passou porque eles viram que na seletiva, os que estavam fazendo a seleção, falaram que eles não estavam fazendo isso, que eles estavam querendo futebol, porém as meninas que tivesse o cabelo muito curto não iam participar, mas que não era discriminação. (...). Então eu não achei que foi pela beleza. Tanto é que falei já de uma menina da faculdade, que ela é linda, ela sabe jogar, veio do sul, eu já joguei com ela em outros lugares, não só na faculdade, que ela fez a seletiva e não passou. Talvez até um preconceito deles, ela é muito bonita, ela sabe jogar, mas se a gente colocar ela, porque ela é loira, do olho azul, se a gente colocar ela pra jogar vão achar que é mais pela beleza, por mais que ela saiba jogar. Pode ter tido isso também, porque ela sabia jogar mesmo “.

Já Zu credita a questão da imagem corporal à desorganização do evento em si: *“Então acho que a palavra chave para essa paulistana foi desorganização. Tentaram passar uma imagem e acabou sendo outra. Inclusive negócio de imagem, falaram que menina de cabelo curto não ia participar, careca não ia participar, mas não se mede futebol de ninguém pela aparência da pessoa, acho que foi uma discriminação. E muita gente depois,*

inclusive no nosso time tinha uma menina que você olhava de costas era um menino, era um moleque, jogava muita bola. Então acho que eles pisaram na bola em várias coisas, em vários setores”.

Zi se sentiu muito irritada quanto ao problema da imagem, sem saber explicar o que aconteceu:

“Também teve esse negócio de imagem que eu não gostei, se é loirinha vai passar no teste e a neguinha não vai passar no teste. (...) E você fazia o teste, eles iam ver você jogando, se você tivesse o nível de jogar no campeonato, você entrava e depois as equipes iam ser formadas, então foi um negócio muito de última hora, foi mal feito. (...) eles fizeram um negócio de última hora, usaram muito a imagem... Imagem mesmo. Se tem uma de cabelo curtinho e joga mais ou menos, a outra também joga mais ou menos, a outra que é loirinha entra, e essa fica de fora. Muitas meninas não passaram no teste porque não tinham, digamos assim, fisicamente condições para o campeonato. Porque eles queriam vender a imagem do campeonato, passar na TV, eles não iam querer ver uma desdentada, e queriam ver a loirinha. Então teve muita menina que passou porque era bonitinha e não porque jogava. Eu conhecia as meninas, muitas meninas que não tinham condições de jogar, eu conhecia, e passaram porque eram bonitinhas. Como teve menina também, que era do cabelinho ruim, não tinha dente, não passou e jogava bem. Foi muito de imagem e isso me irritou, me irritou mesmo “

Como se vê, os próprios depoimentos mostram que a manipulação da imagem de beleza quando se fala do esporte e mulher é freqüente. Nesta seletiva da *Paulistana* isto ficou bem acentuado. E as garotas acabam percebendo este poder que parece unicamente advir daquilo que é valorizado no seu gênero, a beleza. Para DIO BLEICHMAR (1988), “Quanto mais bela, mais apreciada, mais amada, mais desejada. A menina descobre a admiração e os privilégios que obtém a partir da posse ou exploração da sua beleza muito precocemente (...)” (p.95)

Assim, parece que houve um reforço, no contexto do futebol feminino, da desvalorização da qualidade da pessoa, do feminino em si, e a valorização

daquilo que já ocorre no processo de socialização, ou seja, da beleza feminina estereotipada, contraposta até as suas qualidades técnicas, no nosso caso, das suas capacidades atléticas, e habilidades futebolísticas. E se em alguns contextos a valorização (e a manipulação) da imagem e da beleza pode ser vantajosa para a mulher, no esporte, sobretudo no futebol, isto se mostra um paradoxo muito grande, pois não garante outras portas de entrada e sustentação das modalidades femininas.

4. FECHAM-SE AS CORTINAS, E ENCERRA-SE O ESPETÁCULO (PROVISORIAMENTE...)

Enquanto exercício para se pensar a sexualidade e o gênero no contexto esportivo, especificamente do futebol feminino, estas entrevistas apontam para dados que muitos teóricos já vem alertando, sobretudo o quanto ainda se faz a sobreposição da sexualidade com o gênero e os papéis de gênero já definidos *a priori* pela sociedade.

Daí que a proposição de SCOTT (1995) da utilização do gênero enquanto categoria de análise se torna absolutamente pertinente neste contexto.

Esta abordagem aqui realizada procurou ser bem genérica, mas talvez uma análise mais detalhada e focada em apenas um aspecto destes depoimentos coletados, pudesse aprofundar mais cada ponto levantado aqui, como as relações das atletas com suas famílias, os conceitos e preconceitos das mães e pais, o posicionamento da mídia em relação às mulheres atletas, a questão dos dirigentes reproduzindo práticas discriminatórias, por exemplo.

Por outro lado, esta reflexão se mostra fundamental até como alerta para as novas discriminações que vem surgindo cotidianamente para as mulheres no esporte. Estereótipos de gênero, preconceitos advindos da sobreposição, como demonstramos acima, do papel de gênero com a própria sexualidade da atleta, estão atacando diretamente a individualidade destas; estigmas sociais podem ofender e ferir psicologicamente estas sportistas; porém, o quadro ganha dramaticidade e uma dimensão política e social ao se apresentar como

discriminatório, ou seja, quando as situações anteriores (estereótipo, preconceito e estigma) se transformam em obstáculos e impedimentos para a participação e progressão da mulher em qualquer terreno esportivo. A discriminação, enquanto ato que ofende os direitos humanos das atletas, deve ser como tal denunciada e imputada legalmente. O estigma e o preconceito devem ser combatidos através de atitudes esclarecedoras, para que, iluminados, não virem campo fértil para proliferação de ações discriminatórias.

Nosso objetivo neste trabalho foi, ao pensar e ampliar estas questões, escutando as atletas e analisando as suas falas, abrir um diálogo com as mesmas, no sentido de oferecer um espaço de reflexão que ao mesmo tempo seja uma nova forma de superar ou impedir a repetição de práticas excludentes, salvaguardando os direitos das atletas mulheres de atuarem em todos os espaços e terrenos esportivos em que assim desejarem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIERI, T. Sobre la categoría género. Una introducción teórico-metodológica. In: AZEREDO, S. & STOCKLE, V. (org). **Direitos Reprodutivos**. São Paulo, FCC/DPE, 1991, 25-45.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. (vol II). São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- DIO BLEICHMAR, E. **O feminismo espontâneo da histeria**: estudos dos transtornos narcisistas da feminilidade. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- HULT, J.S. The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890 - 1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S. (eds.) **Women and sport**: interdisciplinary perspectives. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.83-106.
- KNIJNIK, J.D. Mulheres no Esporte: uma nova roupa velha. In. **Lecturas efdeportes. Revista Digital**. Buenos Aires, 7 (42), 2001.(www.efdeportes.com).

KNIJNIK, J. D; VASCONCELLOS, E. G. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: SIMOES, A. C.(org). **Mulher e Esporte: mitos e verdades**. São Paulo, Manole, 2003, p. 165-75.

MOORE, H. Compreendendo sexo e gênero. In: INGOLD, T. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. London, Routledge, 1997. (tradução de Julio Assis Simões exclusivamente para fins didáticos).

PAIVA, V. **Evas, Marias, Liliths...** as voltas do feminino. São Paulo, Brasiliense, 1989.

RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidad. In: VANCE,C. S. **Placer y peligro: Explorando la sexualidad femenina**. Madrid, Editora Revolución, 1989, p. 113-190.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In. **Gender and the Politics of History**. New York, Columbia University Press, 1989 (tradução de Maria Betania Ávila e Christine R. Dabat, devidamente autorizada pela autora, Recife, SOS Corpo, 1995)